

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
A VARIAÇÃO TU/VOCÊ EM RESSAQUINHA (MG):
ESTUDOS PRELIMINARES

Suelen Cristina da Silva (UFOP)
suelen.ufop@gmail.com
Clézio Roberto Gonçalves (UFOP)
cleziorob@gmail.com

RESUMO

Quando falamos da realidade pronominal em Minas Gerais, torna-se relevante citar a ausência da forma *tu* no Estado, conforme assinala os estudos de Scherre *et alii* (2015), que, ao estabelecerem os usos das formas de referências ao interlocutor no Brasil, categorizam o falar mineiro pelo subsistema predominante “só você” e a presença do subsistema “você/tu sem concordância” na cidade de São João da Ponte (MG), que tem como fonte o estudo de Mota (2008). Partindo-se do exposto, o presente trabalho, em andamento, teve sua motivação decorrente da constatação do uso frequente da forma *tu* na cidade de Ressaquinha (MG). Propomos analisar a procedência da variação *tu/você* no município citado, analisando tanto os fatores linguísticos quanto os extralinguísticos que contribuem para o uso de uma forma pronominal em detrimento a outra. Para tal intento, utilizaremos amostras da língua falada, mais especificamente a variedade usada pelos ressaquinenses, sendo, portanto, 26 entrevistas guiadas por um roteiro de perguntas e por falas espontâneas dos moradores nativos de Ressaquinha (MG). A nossa hipótese central parte da premissa de que a função sujeito é a que mais favorece o fenômeno de variação na localidade citada. O aporte teórico-metodológico utilizado em nosso trabalho é a teoria variacionista, considerando os pressupostos de Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972).

Palavras-chave: Variação. Tu/você. Concordância. Variação tu/você. Pronome.

1. *Considerações iniciais*

Este artigo tem como objetivo analisar o uso dos pronomes *tu* e *você* no município de Ressaquinha (MG). Os dados que compõem este texto estão baseados em um estudo que vem sendo realizado na localidade citada. A finalidade da pesquisa é identificar o condicionamento da variação pronominal *tu/você* nessa região.

A escolha por essa cidade deu-se por meio da descoberta do uso frequente da forma *tu* pelos falantes ressaquinenses e, principalmente, por ser em Minas Gerais, estado em que o quadro pronominal favorece o uso majoritário de *você*. A exemplo disto, podemos citar Scherre *et alii* (2015, p. 143) que destacam, no falar mineiro, a predominância do subsistema “só você” e, ainda, o subsistema “você/tu sem concordância” na

cidade de São João da Ponte (MG), que tem como fonte o estudo de Maria Alice Mota (2008).

Em Ressaquinha (MG), as formas plenas *tu* e *você* e as formas variantes *ocê* e *cê* são encontradas em diferentes níveis de escolaridade e faixas etárias, sendo partes do uso da língua dos falantes da zona rural e zona urbana. A seguir apresentamos alguns exemplos extraídos do nosso *corpus*, que demonstram os usos dos pronomes pelos falantes ressaquinhenses.

[1] [...] não eu falo não não pode não uai... enquanto **tu** puder estudar é bom estudar... enquanto puder ajudar eu ajudo.. eu dou o meu apoio... quanto **cês** puder estudar melhor é... não deve de parar de estudar enquanto **cê** pode estudar[...] (M1)

[2] [...] Eu ia falar que sem estudo HOJE **ocê** não é ninguém... se **tu** tiver o grupo... tiver o segundo grau **tu** é analfabeto... eu ia falar pra ele (assim)... não... (não) estudar come caderno... come caderno porque sem estudo **tu** não é nada... porque hoje as tecnologia.. tem esses computador aí **cê** nem sabe mexer e as vezes parece um bicho de sete cabeça na **tua** frente... É: ISSO É VERDADE... eu ia falar pra ele não parar... **tu** vê que até um celular hoje é difícil de teclar e futica pra **tu** saber o que tá acontecendo... eu ia falar pra não parar de estudar... comer caderno[...] (M7)

[3] [...] então assim: e vai indo **tu** pode até participar de uma pastoral ou algum movimento da igreja que ajuda na evangelização... o que estou fazendo **contigo** aqui hoje: daqui uns dias **tu** pode fazer com outra pessoa... que: só traz benefício na vida da gente[...] (H6)

[4] [...] Muita gente se esconde atrás do álcool do cigarro... né?... das drogas...eu vou **te** falar... difícil... é difícil... porque... é mesma coisa **cê**... ah **você** arruma um namorado... a **tua** mãe e **teu** pai fala assim... não esse cara eu não quero... esse cara eu não fui cara dele e bábábá bábábá... fala mil vezes pra **você** mas **você** fica com ele... não adianta né... por fora não adianta nada... É... entendeu? agora... eu já deparei com muita gente... muita gente muita gente que parou de beber... eu frequentava encontro de casais de São Paulo... entendeu? e a partir da hora que **cê** ouve um lado e ouve o outro entendeu? **cê** tem uma noção... UHUM... então eu chegava e pegava os dois juntos... ficava... coisas da vida entendeu? que se **ocê** olhava assim... e falava amor não vamos separar não... que agora que nós estamos aprendendo a viver depois dessa conversa... É... entendeu? mas são umas conversa que eu tenho que diante da pessoa pra mim explicar o... porque não adianta nada... cara... a melhor coisa que tem da vida é **tu** ter uma família junto de **ti**... a separação é o pior inferno que tem[...] (H2)

Esses exemplos não só confirmam a existência da referência à segunda pessoa com os pronomes *tu* e *você*, como também com as variantes *ocê* e *cê*. A alternância das referidas formas é notória nos itens [1], [2] e [4]. Temos em [1] a alternância entre as formas *tu* e *cê*, em [2] a alter-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

nância entre as formas *tu*, *ocê* e *cê* e, ainda, a preferência do falante pelo pronome possessivo de segunda pessoa *tua*. Em [4] a alternância entre as quatro formas pronominais, *tu*, *você*, *ocê* e *cê*, além disso, observamos, neste exemplo, a ocorrência do pronome oblíquo tônicos de segunda pessoa *te* e *ti*, que reforçam o quanto é marcante o uso do *tu* e seus correferentes na localidade em estudo.

O mesmo acontece no exemplo [3]. Neste item podemos destacar, além do uso pleno da forma *tu*, a presença do pronome oblíquo tônico de segunda pessoa *contigo*, bem como a ocorrência dos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu* e *tua*.

Diante dos dados expostos, justifica-se esta pesquisa pela constatação de mais uma cidade mineira em que há ocorrência da forma referencial *tu*. Este fenômeno foi encontrado somente na região Norte do estado, especificamente no município de São João da Ponte (MG), por Maria Alice Mota (2008). A referida autora demonstrou em seus dados que o pronome *tu* e seus correferentes representam 10% da amostra. Embora seja um percentual baixo, é bastante significativo no falar mineiro, que se caracteriza pelo uso predominante da forma *você* e suas variantes *ocê* e *cê*.

2. *Fundamentação teórica*

2.1. A teoria variacionista

Neste trabalho adotamos os pressupostos teóricos-metodológicos da teoria variacionista, precisamente os conceitos da teoria da variação e mudança linguística proposta por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog (1968) e metodologia de estudo da variação elaborada por William Labov (1972).

Para esses autores a heterogeneidade e a variabilidade são inerentes ao sistema linguístico. “A estrutura linguística mutante está ela mesma encaixada no contexto mais amplo da comunidade de fala, de tal modo que variações sociais e geográficas são elementos intrínsecos da estrutura” (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006, p. 123). Dessa forma, a língua não pode ser estudada fora do contexto social.

O principal objetivo dessa teoria é entender quais os mecanismos que regulam a variação linguística. Segundo Tarallo (1995, p.18), as formas linguísticas em variação são frequentes e consistem nas variadas

possibilidades de se “dizer a mesma coisa, em mesmo contexto, com mesmo valor de verdade”.

A metodologia proposta por William Labov (1972) provou que o fenômeno de variação linguística pode ser empiricamente descrito. A partir de então, muitas pesquisas vêm sendo desenvolvidas, trazendo uma contribuição para um entendimento dos fenômenos de variações e mudanças ocorrentes na língua.

2.2. Os pronomes segundo os gramáticos

Ao se verificar o uso dos pronomes de segunda pessoa nas gramáticas normativas é possível constatar um conteúdo limitado de informações sobre as estratégias de referência ao interlocutor. Para os gramáticos Evanildo Bechara (2009), Celso Cunha e Luís Felipe Lindley Cintra (2013), Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2011), Celso Pedro Luft (1981) e Carlos Henrique da Rocha Lima (2007) a forma pronominal *tu* é definida como pronome pessoal do caso reto que designa a segunda pessoa do discurso.

Segundo Celso Cunha e Luís Felipe Lindley Cintra (2001, p. 305), o emprego da forma *tu* no Brasil

(...) restringe-se ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade. *Você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior.

Considerando o uso dos pronomes no Brasil, Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2011, p. 215) corrobora a citação acima, ressaltando “que a forma de tratamento mais comum no Brasil é *você*, embora em algumas regiões predomine o *tu* (sul, nordeste)”.

Algumas similaridades e divergências entre as gramáticas normativas citadas são encontradas a partir da descrição do uso da forma de *você*. Percebe-se que os autores Evanildo Bechara (2009), Celso Cunha e Luís Felipe Lindley Cintra (2001) e Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2011) tem a mesma perspectiva sobre esse pronome. Nos dizeres de Evanildo Bechara (2009, p. 165) o pronome *você* é classificado como forma “substantiva de tratamento indireto de 2ª pessoa que leva o verbo para 3ª pessoa”, sendo uma forma pronominal de tratamento familiar. Em nota, o gramático ressalta que: “*Você*, hoje usado familiarmente, é a re-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

dução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*". (BECHARA, 2009, p. 166)

Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2011, p. 216) apresenta um quadro de pronomes pessoais similar ao de Evanildo Bechara (2009), considerando *você/vocês* como formas de tratamento "que levam tanto o verbo como os pronomes que os acompanham para a 3ª pessoa".

Na mesma perspectiva, Celso Cunha e Luís Felipe Lindley Cintra (2001, p. 291-292) denominam *você* como pronome de tratamento. Para os gramáticos, são "certas palavras e expressões que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como *você*, o senhor, *Vossa Excelência*", e salientam que "*você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior".

Carlos Henrique da Rocha Lima (2007, p. 316), diverge dos demais autores citados, definindo *você* como forma reta: "São formas retas ou subjetivas, isto é, empregam-se como sujeito". A forma pronominal *você*, segundo o gramático "pertence à 2ª pessoa, isto é, àquela com quem se fala, posto que o verbo com ele concorde na forma da 3ª pessoa. Tal ocorre em virtude da origem remota (*Vossa mercê*)".

Em outra abordagem, Celso Pedro Luft (1981, p. 116) se aproxima, timidamente, de Carlos Henrique da Rocha Lima (2007) quando define a categoria dos pronomes pessoais retos da seguinte maneira:

1ª pessoa: *eu; nós*

2ª pess. direta: *tu;vós*

2ª pess. indireta: *você; vocês; vossa senhoria, etc*

3ª pess.: *ele; ela; eles; elas*.

Porém, o autor estabelece como 2ª pessoa do discurso indireto a forma *você*, nomeada por ele como pronome de tratamento, que segundo o gramático, é considerada assim porque se refere ao ouvinte e requer termos a ela relacionados (verbo, pron. oblíquo e possessivo).

Com relação à 2ª pessoa do discurso indireto, Celso Pedro Luft (1981, p. 117) considera as formas *o senhor, o doutor, o amigo, V. Sª, V. Exª, V. Rerª*. Para o autor, criou-se na língua o tratamento indireto, que "constitui em fingir que se dirigia a palavra a um atributo ou qualidade eminente da pessoa de categoria superior, e não a ela própria". O gramá-

tico ainda destaca como pronome de tratamento direto, no português, as formas *tu* e *vós*.

Em paradigmas diferentes das gramáticas relatadas acima, temos manuais como os de Marcos Bagno (2011), Ataliba Teixeira de Ataliba Teixeira de Castilho (2014) e Maria Helena de Moura Neves (2011). Estes gramáticos propõem um quadro pronominal bem atual, posto que seus dados têm como bases resultados encontrados em pesquisas realizadas no país. Segundo Ataliba Teixeira de Castilho (2014, p. 477), “os pronomes pessoais são bastante suscetíveis às mudanças. Estudos recentes têm apontado para sua reorganização no português brasileiro, sobretudo na modalidade falada, com fortes consequências na estrutura sintática da língua”.

No mesmo ponto de vista, Marcos Bagno (2011, p. 747) defende, em sua gramática pedagógica, que não há uma “noção de mistura de tratamento”, segundo o gramático “o que de fato ocorreu no português brasileiro foi uma reorganização do quadro de pronomes e índices pessoais”.

Sobre as formas de referências, Maria Helena de Moura Neves (2011) propõe um quadro pronominal similar ao de Carlos Henrique da Rocha Lima (2007), considerando as formas *ocê* e *ocês* como pronomes pessoais retos, conforme está descrito no quadro a seguir:

	SINGULAR	PLURAL
1ª pessoa	Eu	Nós
2ª pessoa	tu, você	vós, vocês
3ª pessoa	ele, ela	eles, elas

Quadro 1: pronomes pessoais - as três pessoas gramaticais do singular e do plural.

Fonte: Neves (2011, p. 450)

Ataliba Teixeira de Castilho (2014), faz uma abordagem diferente de Maria Helena de Moura Neves (2011), trazendo duas modalidades no quadro de pronomes (os de uso formal e informal). Em ambas modalidades o gramático considera a forma *ocê* como pronome de segunda pessoa do singular no português brasileiro.

Pessoa	português brasileiro informal	
	Sujeito	Complemento
2ª Pessoa sg.	<i>ocê/ocê/tu</i>	<i>ocê/ocê/cê, te, ti, prep + você/ocê (=doce, coce)</i>
2ª Pessoa pl.	<i>ocês/ocês/cês</i>	<i>ocês/ocês/cês, prep + vocês/ocês</i>

Quadro 2: pronomes pessoais no português brasileiro

Fonte: Castilho (2014, p. 477) (adaptado)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

No português informal, Ataliba Teixeira de Castilho (2014) considera tanto as formas plenas *tu* e *você* quanto as formas *ocê* e *cê*, conforme está descrito no quadro acima.

Embora Ataliba Teixeira de Castilho (2014) apresenta um quadro bem atual do português brasileiro, o gramático não menciona a forma *cê* como 2ª pessoa do singular no português brasileiro informal. Essa forma não só foi objeto de pesquisa de Clézio Roberto Gonçalves (2008), Peres (2006), como a encontramos em nosso *corpus* de análise, conforme indica os exemplos a seguir.

[5] [...] *cê* coloca o leite pra já ficar cozido já com a calda [...]. (H6)

[6] [...] *cê* pega o ônibus e vem até o centro [...]. (H2)

Com relação as formas de referência de segunda pessoa, Ataliba Teixeira de Castilho (2014, p. 479) assinala que o pronome *tu* tem sido substituído pelo *você*, forma que surgiu por alterações fonológicas da expressão de tratamento *vossa mercê*, um sintagma nominal que deu origem a *você*, seguindo então para *ocê*>*cê*.

Marcos Bagno (2011, p. 746) também inova, propondo um quadro pronominal dividido em duas modalidades (discurso – monitorado e discurso + monitorado). O autor ainda faz uma subdivisão categorizando da seguinte forma: sujeito, objeto direto, objeto indireto, reflexivo e completo oblíquo.

No discurso - monitorado o gramático considera as formas *tu*, *você/vocês*, *ocê/ocês* e *cê/cês* na categoria sujeito singular. Nas demais categorias o pronome *tu* não é citado, apenas as formas *você/vocês*, *ocê/ocês* e *cê/cês*.

Marcos Bagno (2001) não considera a forma *vós* em nenhuma categoria. Dessa forma, esse autor se aproxima timidamente dos dados apresentados por Ataliba Teixeira de Castilho (2014), que menciona o *vós* apenas como pronome de 2ª pessoa do plural no português brasileiro formal. Já no português brasileiro informal esta forma não é considerada usual.

No discurso mais monitorado, vemos que Marcos Bagno (2011) considera apenas as formas *você/ vocês*, *senhor/senhora* e *senhores/senhoras*. O pronome *tu* não é mencionado pelo autor na modalidade citada. Ao falar da forma *você*, o autor ressalta que essa forma penetrou profundamente no sistema de índice de pessoa do português brasileiro.

2.3. Usos das formas pronominais: amostras da fala

Estudos realizados no Brasil têm demonstrado que a forma *ocê* é a mais utilizada no país. Em constatação de tal afirmação e com a finalidade de demonstrar como as formas pronominais, *tu* e *você*, são empregadas pelos falantes brasileiros atualmente, traremos um pouco da realidade do país apoiando-nos no recente livro *Mapeamento Sociolinguístico do Português Brasileiro*, precisamente no capítulo intitulado “Variação dos pronomes ‘TU’ e ‘VOCÊ’”, organizado por Scherre *et alii* (2015).

O capítulo tem como objetivo apresentar resultados de diversos trabalhos sociolinguísticos sobre o uso dos pronomes *você*, *cê*, *ocê* e *tu* por falantes do português brasileiro e “remodelar” o mapa de Scherre *et ali* (2009).

Os dados foram retirados de pesquisas realizadas no país que somam 29 mil de 60 amostras diversificadas. Os autores reorganizaram os seis subsistemas pronominais brasileiro e os reescreveram da seguinte forma:

- 1- Subsistema **só você**: uso exclusivo das formas “*você/cê/ocê*” concentra-se nos Estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Minas Gerais (exceto o município São João da Ponte), São Paulo (exceto Santos), Bahia (representada exclusivamente pela sua capital Salvador), o Estado de Tocantins e a região Sul (representada por Paraná).
- 2- Subsistema **mais tu com concordância baixa**: uso médio de “*tu*” acima de 60% com concordância abaixo de 10%. É encontrado na região Norte no Estado de Amazonas e na Região Sul, mais especificamente no Rio Grande do Sul.
- 3- Subsistema **mais tu com concordância alta**: uso médio de “*tu*” acima de 60% com concordância entre 40% e 60%. Está concentrado na região Norte com o Estado do Pará e na Região Sul com o Estado de Santa Catarina
- 4- Subsistema **tu/você com concordância baixa**: uso médio de “*tu*” abaixo de 60% com concordância abaixo de 10%. Concentra-se na região do Nordeste com os Estados Maranhão e Tocantins e na região Sul em Santa Catarina.
- 5- Subsistema **tu/você com concordância média**: uso médio de “*tu*” abaixo de 60% com concordância entre 10% a 39%. É en-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

contrado na região Nordeste nos estados Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba e Pernambuco; na região Norte em Amazonas e na região Sul em Santa Catarina.

- 6- Subsistema **você/tu**: “*tu*” de 1% a 90%. É representado pelos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais (pelo município São João da Ponte), Maranhão, Bahia, Roraima, Acre e pelo Distrito Federal.

3. *Fundamentos metodológicos*

O *corpus* foi constituído por meio de gravações com falantes do município de Ressaquinha (MG), considerando sujeitos residentes da zona urbana e zona rural. O conteúdo proposto para as entrevistas consiste em narrativas espontâneas guiadas por perguntas consideradas relevantes para a análise e confirmação dos dados coletados.

Além do questionário, que tem como temática situações reais, foi solicitado a alguns sujeitos que narrassem fatos recontados ou experiências pessoais, que segundo Tarallo (1986), ao relatá-los, “o informante está tão envolvido emocionalmente com o que relata que presta o mínimo de atenção ao como”. Dessa forma, a narrativa torna-se mais espontânea. O nosso objetivo era envolver o falante com naturalidade para que ele sentisse mais à vontade com o entrevistador.

Foram selecionados 26 sujeitos categorizados da seguinte forma: 12 mulheres, sendo 6 da zona urbana e 6 da zona rural e 12 homens, sendo 6 da zona urbana e 6 da zona rural. A faixa etária considerada varia de 21 a mais de 60 anos ou mais. Os indivíduos escolhidos têm escolaridades diferenciadas, que variam do 2º ano do ensino fundamental ao ensino superior.

Para as transcrições deste trabalho, foram utilizadas algumas sugestões do Projeto NURC/SP- 1986, seguindo as adaptações e/ou modificações projetadas por Clézio Roberto Gonçalves (2008). Esse conjunto de normas tem como função auxiliar o pesquisador na descrição de um *corpus* oral.

Descreveremos, no quadro abaixo, como estão distribuídas as formas pronominais *tu*, *você*, *ocê* e *cê*.

PRONOMES	TU	VOCÊ	OCÊ	CÊ	TOTAL
OCORRÊNCIAS	174	43	84	174	475

Quadro 3: distribuição das ocorrências pronominais.

Os dados apresentados na tabela acima demonstram um total de 475 ocorrências, sendo divididas em 174, 43, 84 e 174 entre os pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê*, respectivamente. Diante dos dados expostos podemos destacar também o baixo índice do uso do pronome pleno *você*, sendo apenas 43 ocorrências e o empate entre o uso das formas *tu* e *cê*, sendo, em termos respectivos, 174 e 174.

A seguir apresentamos a distribuição total da amostra.

PRONOMES	TU	VOCÊ	OCÊ	CÊ	TOTAL
HOMENS	66	7	39	51	163
MULHERES	21	6	7	30	64

Quadro 4: Distribuição das ocorrências na Zona Urbana.

Os dados acima apontam que os homens da zona urbana lideram o uso do pronome *tu*, totalizando 66 ocorrências, ao passo que as mulheres da zona urbana utilizam com mais frequência a forma *cê*, sendo um número de 30 ocorrências.

Em ambos sexos é possível perceber o baixo uso do pronome *você* em sua forma plena, sendo 7 e 6 ocorrências entre os homens e mulheres, respectivamente. Além disso, há uma considerável diferença no uso da forma *ocê*, neste caso os homens lideram com 39 ocorrências, já as mulheres fazem baixo uso dessa forma pronominal, com apenas 7 ocorrências.

Quanto a distribuição dos pronomes em estudo na Zona Rural, temos:

PRONOMES	TU	VOCÊ	OCÊ	CÊ	TOTAL
HOMENS	51	20	21	52	144
MULHERES	36	10	17	41	104

Quadro 5: Distribuição das ocorrências na Zona Rural.

Assim como nos dados apresentados no quadro anterior podemos destacar que na zona rural os homens também lideram o uso do pronome *tu*, com 51 ocorrências, já as mulheres correspondem a 36 ocorrências da referida forma. Diferentemente da zona urbana, em que as mulheres que mais utilizavam a forma *cê*, na zona rural os homens são quem lideram, sendo 52 ocorrências, ao passo que as mulheres 41 ocorrências.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

4. *Considerações finais*

A partir dos dados apresentados neste trabalho é possível confirmar a existência da variação pronominal na cidade de Ressaquinha (MG). Os pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* se alternam nas falas dos moradores dessa comunidade. É preciso deixar claro que este artigo retrata resultados parciais de uma pesquisa que ainda se encontra em andamento. Isto pode acarretar em uma mudança no quadro final dos resultados.

A presença do pronome *tu* no município em estudo torna-se uma grande descoberta quando consideramos a realidade pronominal do falar mineiro, que é caracterizado pelo uso predominante da forma *você*.

Destacamos também a presença dos correferentes de segunda pessoa *te*, *ti*, *contigo*, *teu* e *tua* que demonstram o quanto é marcante o uso do pronome *tu* nesta localidade.

O número de ocorrência evidenciou que há um empate no uso das formas *tu* e *cê* e a forma plena *você* tem baixa utilização tanto por falantes da zona rural quanto por falantes da zona urbana. Além disso, é possível perceber na amostra que os homens são quem lideram o uso do *tu* nas duas regiões geográficas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- GONÇALVES, Clézio Roberto. *Uma abordagem sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê no português*. 2008. Tese (doutorado em letras). – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2011.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 45. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1981.

MARTINS, Marco Antônio; ABRAÇADO, Jussara. *Mapeamento socio-linguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.

MOTA, Maria Alice. *A variação dos pronomes 'Tu' e 'Você' no português oral de São João da Ponte (MG)*. 2008. Dissertação (mestrado em linguística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do português falado*. Campinas: Unicamp, 2011.

PERES, Edenize Peres. *O uso do você, ocê, cê em Belo Horizonte: um estudo em tempo aparente e em tempo real*. 2006. Tese (de doutorado). – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
CONSTRUÇÃO E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA
NO FALAR DE ITAGUARA (MG)

Juraci da Silva Carmo (UFOP)
jusilva0797@yahoo.com.br
Clézio Roberto Gonçalves (UFOP)
cleziorob@gmail.com

RESUMO

Este trabalho trata da produção do fonema /r/ em final de sílaba nas cidades de Itaúna e Itaguara, ambas no centro-oeste mineiro. A partir de uma constatação assistemática – conversa informal com moradores das duas cidades – foi observado um comportamento bastante curioso: os moradores de Itaúna utilizam amplamente em sua fala, a realização retroflexa do fonema /r/, já em Itaguara o mesmo não acontece. Tendo as cidades relações próximas, Itaguara inclusive foi distrito de Itaúna até o ano de 1943, o mais comum seria que compartilhassem dos mesmos traços linguísticos. Dessa maneira, recorreu-se à *teoria da variação e mudança linguística*, abordagem proposta pelo americano William Labov nos anos de 1972. O ponto fundamental nessa abordagem, é a presença do componente social na análise linguística. Assim, pretende-se compreender as possíveis mudanças linguísticas na fala dos moradores daquelas cidades considerando não somente os fatores internos à língua, mas também os externos, ou seja, aqueles relacionados à identidade pessoal e à vida social do falante: idade, sexo/gênero, escolaridade, nível socioeconômico, e qualquer outra atividade social que desenvolvida por ele.

Palavras-chave: Variação. Mudança. Retroflexo.

1. Introdução

O Brasil, esse vasto território com mais de 204 milhões de pessoas – segundo dados do IBGE/2014 –, já não utiliza a mesma língua daquele que um dia foi seu colonizador, aliás, não se pode afirmar que um dia, a língua do colonizador foi realmente falada em território brasileiro – a não ser pelos próprios colonizadores –, já que ao ser trazida para o Brasil, “a língua portuguesa passou a ser gerida por outros mecanismos de cultura”, como disse Mía Couto, escritor moçambicano, no documentário *Língua – Vidas em Português* (2001), trabalho conjunto das produtoras Costa do Castelo Filmes e TV Zero. De acordo com a fala do escritor, ao ser trazida para o Brasil na época da colonização, a língua portuguesa sofreu influência das inúmeras línguas indígenas que aqui existiam. Além disso, a língua portuguesa também sofreu grande influência das línguas faladas pelos africanos que foram trazidos à força, como escravos, para à colônia europeia que aqui se instalou.

Marcos Bagno (2001), diz que considerarmos a língua falada no Brasil é somente “português” nos faz esquecer de que há muita coisa nesta língua que é caracteristicamente nossa, de que esta língua é parte integrante da nossa identidade nacional, construída duramente com o extermínio de nações indígenas e com o massacre físico e espiritual de milhões de negros africanos que foram trazidos para o Brasil para servirem como escravos. Além disso, estaríamos deslegitimando as lutas que o povo brasileiro enfrenta para se construir como nação.

As falas dos autores corroboram a ideia de que língua e sociedade são indissociáveis, e que através da linguagem adquirimos pistas da identidade dos indivíduos e das comunidades de fala às quais pertencem. Ao nos identificarmos com os meios sociais dos quais fazemos parte, assumimos sua identidade e a língua, obviamente, é parte dessa identidade social. Não se pode, portanto, esperar que a língua portuguesa tenha se mantido intacta aqui em território brasileiro. Aliás, não se pode esperar isso nem mesmo em Portugal, já que a variabilidade é inerente a qualquer língua. Ao se tornar língua oficial do território brasileiro, o português foi assumindo identidade própria, adquirindo traços peculiares.

Consideremos como exemplo dessa afirmação, o fonema /r/ retroflexo, bastante comum na fala dos moradores de São José do Rio Preto, como demonstra Cândida Mara Britto Leite (2004).

O fonema, representado por (ɻ) foneticamente, costuma aparecer em final de sílabas, como na palavra FORMA, transcrita no exemplo:

Ex. 1: [ˈfɔɻmɐ]

De todas as variedades da língua portuguesa – instituída como oficial em oito países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, de quatro continentes diferentes: África, América do Sul, Ásia e Europa – a única que apresenta a retroflexão do fonema /r/ é a brasileira. Vanderci de Andrade Aguilera e Hélen Cristina da Silva explicam esse fenômeno utilizando justamente as noções de variabilidade linguística:

[...] Uma vez que o tupi seria uma língua desprovida dos fonemas /r/ e /l/, pelo menos em coda silábica. [...] Por outro lado, se pensarmos na realização lusitana alveolar e velar do /l/ em coda silábica, como em mal, sol, falta, calma, é fácil deduzir a dificuldade de nossos indígenas e dos mestiços na realização da lateral em contexto CVC. A tentativa de aproximar a lâmina da língua ao palato, na realização da lateral em coda, poderia ter, naturalmente, levado à realização de um /r/ retroflexo. Tal fone teria se formado entre os paulistas, mame-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

lucos e indígenas e se irradiado pelos territórios conquistados e ocupados pelos bandeirantes nos séculos XVII e XVIII. (AGUILERA & SILVA, 2011, p. 126)

A explicação das autoras vai ao encontro do que defende a *teoria da variação e mudança linguística*, abordagem criada no final dos anos de 1960. A *teoria variacionista*, ou *teoria da variação e mudança linguística*, como o próprio nome sugere, tem como objeto de estudo as variações inerentes a qualquer língua. O ponto fundamental nessa abordagem, proposta William Labov, é a presença do componente social na análise linguística. De acordo com William Labov (2008), língua e sociedade são indissociáveis, dessa maneira, é impensável a possibilidade de teoria e prática linguísticas desvinculadas do contexto social na qual a língua é usada. William Labov considera inclusive, que o uso do termo *sociolinguística* é redundante, já que ele implicaria na possibilidade de haver êxito em teoria e prática linguísticas que não fossem sociais.

Este trabalho se propõe a:

- verificar como se deu a incorporação do /r/ retroflexo no centro-oeste mineiro, principalmente nas cidades de Itaguara e Itaúna;
- descrever o atual estado da produção do fonema /r/ retroflexo em Itaguara, para que seja possível constatar uma possível mudança em tempo aparente naquela cidade.

2. *Procedimentos metodológicos e análise parcial*

Com base na *teoria variacionista*, o presente trabalho observa o comportamento linguístico de duas cidades do centro-oeste mineiro, Itaguara (MG) e Itaúna (MG). Em Itaúna (MG), qualquer ouvinte notará a presença do fonema /r/ retroflexo na fala dos moradores. Em Itaguara (MG), a retroflexão do fonema /r/ não é tão visível. Verifica-se isso quando o sujeito declara palavras como:

Ex. 2: **Surgiram**

transcrita foneticamente para: [suɾi¹ʒirâʊ], em Itaguara (MG).

e **Diversificação**

transcrita foneticamente para: [dʒiveɾʃifika¹s ʔu], em Itaúna (MG).

A situação se torna curiosa, se forem levadas em consideração as relações que Itaúna (MG) e Itaguara (MG) mantêm. Até o ano de 1943, Itaguara (MG) era distrito de Itaúna (MG); portanto, as relações entre as cidades eram bastante estreitas. A emancipação não cortou o contato entre os moradores das duas cidades, ao procurar serviços essenciais, como atendimento médico, por exemplo, é a Itaúna que os moradores de Itaguara (MG) recorrem. Para que seja possível compreender o que acontece com os usos linguísticos das cidades, faz-se necessário entender o comportamento social de seus moradores, e isso somente será possível contactando falantes reais, que habitem em Itaguara (MG) e Itaúna (MG) e carreguem consigo traços linguísticos característicos de suas respectivas cidades. Assim, foram selecionados 10 moradores de cada cidade (cinco homens e cinco mulheres), com idade superior a 50 anos.

A opção por essa faixa etária se deve ao fato de a pesquisa ter em vista uma investigação histórica, ou seja, já que a pesquisa tem por objetivo investigar se os moradores de Itaguara (MG) incorporaram o /r/ retroflexo à mesma época em que os moradores de Itaúna (MG)²², é necessário observar a fala dos mais velhos. Segundo Jack K. Chambers e Peter Trudgill (1980), os sujeitos mais velhos são mais conservadores em relação a mudanças linguísticas. Espera-se, portanto, que se a incorporação em Itaguara (MG) tenha acontecido concomitantemente à de Itaúna (MG), caso os mais velhos conservem traços dessa incorporação.

Adentrar em uma comunidade de fala²³, porém, não é tarefa fácil, principalmente quando se trata de localidades interioranas, nas quais todas as pessoas se conhecem e conseguem diferenciar um estranho. Para que suas intenções de pesquisa não se frustrem, é necessário que o pesquisador se cerque de alguns cuidados. Contar com a ajuda de um membro da comunidade pode ser uma ótima saída, já que ser apresentado ao estranho por alguém de seu próprio convívio pode diminuir a resistência do informante. Dessa maneira, o sociolinguista ameniza a situação denominada por William Labov (2008), *paradoxo do observador*: a pesqui-

²² O trabalho assume a explicação de Mário Roberto Lobuglio Zágari (1977), para a presença do /r/ retroflexo no centro-oeste mineiro. De acordo com Mário Roberto Lobuglio Zágari, a região está na rota percorrida pelos bandeirantes paulistas, que, no século XVIII iam em busca de ouro e pedras preciosas pelos caminhos de Minas Gerais até Cuiabá.

²³ Uma comunidade de fala é para a sociolinguística, um grupo de falantes que além de utilizar as mesmas formas linguísticas, compartilha as mesmas normas a respeito do uso da língua. Sendo, portanto, uma forma de comportamento social, não é de interesse da sociolinguística, o uso individual da língua, mas sim, o contexto social em que ela é utilizada.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

sa linguística tem por objetivo a observação da fala descuidada, quando as pessoas não estão sistematicamente sendo observadas, no entanto, só é possível obter a gravação da fala, observando sistematicamente. Além de contar com o auxílio de moradores da comunidade de fala, o pesquisador pode usar métodos de coleta de dados que facilitem a produção de espontânea. Para a coleta de amostras de fala dos moradores de Itaguara (MG) e Itaúna (MG), foi utilizada a *narrativa oral espontânea*, método que segundo Fernando Tarallo (1990), é a “mina de ouro” que o pesquisador-sociolinguista procura, já que ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, o informante deixa de se preocupar com a formalidade de sua fala. É importante que o pesquisador demonstre interesse pelos fatos narrados, pois assim motiva o informante a se soltar e produzir amostras cada vez mais reais de fala, ou seja, com baixo grau de monitoramento. O tema da narrativa fica à escolha do pesquisador, pois é no momento da conversa que ele saberá qual assunto surtirá maior efeito. Em ambas as cidades analisadas por essa pesquisa, o tema debatido foi memórias. Tal opção se deve à faixa etária dos sujeitos da pesquisa, já que tendo idade superior a 50 anos, eles teriam muitas histórias para contar, além de serem provocados pelo saudosismo a produzirem a fala menos monitorada.

As análises dos dados coletados, como já dito anteriormente, estão sendo feitas sob a luz da *teoria variacionista*. Inicialmente, está sendo considerada somente a variável extralinguística faixa etária, já que a pesquisa lida com uma explicação histórica para a explicação da presença do fonema /r/ retroflexo na região centro-oeste mineira. Posteriormente, as outras variáveis, como gênero, escolaridade, ocupação e formação, serão cruzadas para que se esgotem todas as hipóteses possíveis em relação à diferenciação no uso do fonema /r/ nas cidades de Itaguara (MG) e Itaúna (MG), como nos exemplos.

Ex. 3: [ifĩ'mã] (irmã) em Itaguara (MG)

[puɾ 'ke] (porque) em Itaúna (MG)

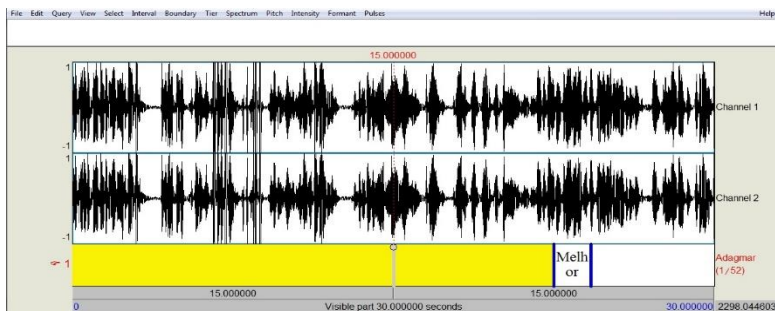
Por se tratar de uma pesquisa na qual se observa uma mudança sonora, é imprescindível que seja estabelecida uma teoria fonética para tratamento dos dados coletados. Dessa maneira, fica estabelecido que quando se tratar de análise fonética, ou fonológica, será utilizado o Estruturalismo. Adota-se para as análises fonéticas, o ponto a descrição, que procura mostrar qual a realização fonética usada de acordo com bases articulatorias e a representação pela transcrição fonética, com uso dos símbolos do alfabeto internacional de fonética.

De acordo com o estruturalismo, o fonema é não somente a unidade mínima de análise, mas também a unidade que permite a segmentação do contínuo de fala. Entendemos assim que o fonema /r/ é fonema por se opor a outras unidades sonoras. A análise fonêmica no modelo estruturalista é feita utilizando os métodos de análise de sons foneticamente semelhantes, análise de pares mínimos e análise de alofones complementares.

Sons foneticamente semelhantes são aqueles que compartilham um maior número de características fonéticas. Esses sons são mais facilmente encontrados como variantes de um fonema. Por exemplo, em [r] e [ɹ] usados no final de sílaba temos duas variantes do fonema /r/ e não dois fonemas distintos como nas palavras [su'hʒirãũ] e [dʒiveʃsifika's ẽũ], descritas anteriormente e presentes no *corpus* desse trabalho no exemplo 2.

Para a gravação dos dados foi utilizado um gravador digital, que permite armazenar a fala no formato MP3 e transferir para o computador para serem analisados. A audição dos dados de fala foi feita utilizando o software PRAAT, que permite entre outras coisas, analisar acusticamente a voz e fazer edições e sínteses de fala. O programa foi desenvolvido pelos pesquisadores Paul Boersma e David Weenink, da Universidade de Amsterdã e pode ser utilizado de forma gratuita, bastando fazer o download no site <www.praat.org>.

Foi feita a audição dos dados e as ocorrências do fonema /r/ retroflexo foram marcadas no programa PRAAT, para futuras consultas no caso de dúvidas em relação à fala de qualquer dos informantes.



Os dados foram descritos na tabela a seguir, para que seja possível comparar as falas de falantes distintos, ou mesmo dados distintos de um

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

mesmo informante. Nessa tabela, procurou-se cercar todos os elementos linguísticos que podem influenciar na produção de um som, tais como sons vizinhos, tonicidade da palavra, posição do som dentro da sílaba, entre outros. Além dos fatores sonoros, foi acrescentada ainda a classe gramatical da palavra, que também poderia ter influência sobre fenômenos sonoros (o apagamento do /r/ final, por exemplo, foi bastante relacionado aos verbos – conforme Oushiro e Mendes (2014). Tais elementos são o que se chama de condicionadores internos ao sistema na escolha de uma variante.

Palavra	Transcrição fonética	Tonicidade	Vogal anterior	Consoante posterior	Ambiente do "R"		Som	Classe Gramatical
					Meio	Final		

Quadro – Descrição dos dados linguísticos dos informantes

Através das comparações será possível observar se o comportamento linguístico dos informantes das duas cidades é semelhante, ou se realmente há variação, como foi notado em conversa informal.

Até o presente momento, as análises apontam para uma alternância no uso do fonema /r/ em Itaguara (MG). Observa-se que os moradores contatados naquela cidade, ainda utilizam amplamente o /r/ retroflexo em sua fala, mas que também utilizam outras variedades do fonema /r/, como a fricativa glotal desvozeada (h), a fricativa glotal vozeada (ɦ), tepe (ɾ) e até mesmo a fricativa velar desvozeada (x). Como no exemplo:

Ex. 4: [ˈsɛhtu] (certo)

[iɦiˈmã] (irmã)

[iˈnɔɦmɪ] (enorme)

[ˈkɔɦtɦɪs] (cortes)

Em Itaúna, as análises apuram até então, o uso quase que unicamente do /r/ retroflexo em final de sílaba, tendo aparecido além desse fonema, uma produção de tepe.

Ex. 5: [lu'gaɾ] (lugar)

[paɾtʃiku'laɾ] (particular)

Em comum os falantes apresentam apagamento em verbos no infinitivo e tepe, quando o /r/ em final de palavra se junta à vogal em contexto seguinte, produção denominada rissilabificação (como em "Amor antigo").

Ex. 6: [ʒo'ga] (jogar)

[ama'doɾ] (Esse fonema foi produzido pelo sujeito no enunciado: “O futebol amador está morto”. Assim, o fonema /r/ final em “amador” se juntou à vogal inicial do verbo “está”, realizando dessa maneira, o fenômeno chamado de rissilabificação.

Tais constatações nos fizeram pensar na hipótese de mudança em progresso na cidade de Itaguara (MG).

Isso pode ser verificado no gráfico:



Gráfico – Comparação dos dados

Tendo em vista a possibilidade de uma mudança acontecendo no falar itaguarense, faz-se necessário descrever, ainda que brevemente, como se caracteriza a *variação estável*, ou *mudança em progresso*.

Em qualquer comunidade de fala é comum que haja formas linguísticas em variação, ou seja, uma ou mais forma que se alternam nas

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

escolhas dos falantes, para dizer a mesma coisa. No português brasileiro, por exemplo, é comum a alternância dos pronomes TU e VOCÊ para se referir à segunda pessoa do discurso. Nesse caso, dizemos que a expressão de segunda pessoa do discurso é *variável*, já que pode ser representada por dois pronomes diferentes, duas *variantes*. Algumas dessas variantes podem ocorrer simultaneamente por anos, como é o caso dos pronomes em questão, constituindo o que os estudos sociolinguísticos denominam coocorrência das formas. Ao longo do território brasileiro, é comum a alternância dos pronomes de segunda pessoa, por exemplo. Já a concorrência entre uma ou mais formas linguísticas, pode significar que uma mudança está em andamento na comunidade de fala. Dessa maneira, diversos são os fatores que poderão estar atuando para que a sobreposição de uma forma pelas outras aconteça.

Para justificar a possível mudança linguística acontecendo em Itaguara (MG), consideramos a os aspectos socioculturais da cidade. Itaguara (MG) é uma cidade que possui unidade territorial de 410,468 km², população estimada em 13.172 (IBGE 2015) e está a 97,2 km distante de Belo Horizonte. A cidade não possui instituição de ensino superior, por esse motivo, alguns estudantes itaguarenses procuram a Universidade de Itaúna, fazendo a viagem diariamente ao final da tarde à cidade vizinha. Ao final das aulas retornam às suas casas em Itaguara (MG). Alguns, preferem procurar instituições em outras cidades, como Belo Horizonte, por exemplo, e se mudam definitivamente, o que tem sido cada vez mais comum na cidade. Em uma entrevista sobre a cidade, a coordenadora do museu local, Maria Rita Oliveira, disse que a banda musical de Itaguara “parece banda mirim”, já que seus componentes são adolescentes e crianças. O que Maria Rita Oliveira quis dizer, é que tem sido muito comum os componentes da banda completarem 18 anos e deixarem Itaguara em busca de estudos e oportunidades em outras cidades. Muito provavelmente esses jovens retornam a Itaguara (MG) trazendo consigo alterações linguísticas provenientes dos contatos com falantes de outras cidades, sobretudo de Belo Horizonte, como a pesquisa vem constatando. Tal situação corrobora a ideia fundamental da *Teoria Variacionista*: língua e sociedade são indissociáveis. Portanto, a fala dos jovens itaguarenses passa a ser influenciada pela fala das pessoas com as quais passa a conviver nas cidades nas quais elas passam a viver. E como já dito, a influência sofrida pela fala dos jovens, será de certa maneira repassada aos adultos e idosos que ficaram na cidade quando aqueles retornarem. Muito provavelmente isso é o que tem acontecido na pequena Itaguara (MG).

Itaúna (MG) é uma cidade bastante populosa, sua unidade territorial de 495,769 km², população estimada em 91.453 (dados do censo IBGE 2015), distante a 79,9 km de Belo Horizonte. A cidade recebeu da Unesco, no ano de 1975, o título de cidade Educativa do mundo, e possui uma das instituições de ensino superior particulares mais respeitadas do país. Itaúna recebe estudantes de vários estados do Brasil. A economia da cidade gira em torno da siderurgia. Mesmo sendo uma cidade bastante desenvolvida economicamente, Itaúna mantém as tradições de cidade do interior mineiro, e festas como Folia de Reis, Reinado e aquelas dedicadas à padroeira, Sant'Ana, fazem parte do calendário fixo da cidade. Os jovens itaunenses não têm tanta necessidade como os itaguarenses, de procurar cursos superiores em outras cidades, não que tal situação não aconteça, mas tendo uma instituição de ensino superior em sua própria cidade, é bem menos comum em Itaúna (MG) que os jovens deixem a cidade para fazer faculdade. Dessa maneira, a fala dos itaunenses se mantém mais preservada do que a fala dos itaguarenses.

Outra hipótese bastante plausível para a situação nas cidades analisadas pela pesquisa, é a de que Itaúna (MG) é uma cidade mais conservadora em relação à vizinha Itaguara (MG). Isso talvez possa ser explicado pela situação das cidades. Itaúna (MG) sempre foi independente em relação a Itaguara (MG). Já essa, é recém-emancipada – uma cidade de 73 anos é ainda muito jovem -, portanto, busca ainda suas próprias tradições e histórias e por essa razão, está mais suscetível a mudanças e influências externas. Itaúna (MG) já consolidou suas tradições, por isso, não demonstra a mesma predisposição a mudanças como Itaguara (MG).

Como já dito anteriormente, o trabalho ainda está em andamento, portanto, não pode ainda, afirmar veementemente nenhuma das hipóteses apresentadas, mas tão somente utilizadas no intuito de encontrar caminhos e explicações para aquilo que vem sendo observado na análise dos dados. Além disso, muitas alterações podem acontecer até a conclusão das análises, portanto, há que se ter cautela, com afirmações, sobretudo em pesquisas que estudem comportamentos linguísticos.

3. Considerações finais

O trabalho apresentado é apenas um pequeno recorte da diversidade linguística brasileira. A heterogeneidade, inclusive, é inerente a qualquer língua, como mostram Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog (2006). Qualquer língua, por ser utilizada por falantes, reais é

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

passível de variação, e conseqüentemente dotada de heterogeneidade. Não entanto, a heterogeneidade linguística não é caótica, assistemática, como se costumava pensar, mas sim regida por regras próprias de cada comunidade de fala da qual o falante participa.

Somos seres sociais, vivemos constantemente em contato com outros seres e para nos comunicar utilizamos a língua e seus recursos. Para que a comunicação aconteça de maneira efetiva, é necessário que os falantes se compreendam, e para que haja compreensão mútua entre os falantes, é necessário que haja regras linguísticas. As regras de uma comunidade real de fala não são estáticas e categóricas como são as regras de uma comunidade linguística homogênea. As regras de um sistema linguístico variável, são regras também variáveis.

Quando um falante opta pelo uso de uma ou outra forma linguística, ele não o faz de forma aleatória, mas sim obedecendo a alguns critérios que refletem sua identidade linguística. É comum, por exemplo, que ao marcar o plural no português brasileiro alguns falantes utilizem construções do tipo:

1. *Os meninoø feioø.*

Outros falantes optam pela estrutura:

2. *Os meninos feios.*

É importante salientar, que um mesmo falante poderá utilizar ambas as formas, a depender do local e das companhias com as quais esteja. Isso acontece, porque o falante tende a monitorar a sua fala em situações cujo grau de formalidade seja maior, e relaxar em situações mais informais de comunicação. Essa alternância de comportamento em relação ao uso da língua é reflexo da competência linguística que o falante possui.

A heterogeneidade, portanto, é inerente a qualquer língua e não seria diferente, considerando o princípio fundamental da *Teoria Variacionista*, defendida por William Labov: língua e sociedade são indissociáveis. Dessa maneira, fica muito fácil compreender e apreender as falas de Mía Couto e Marcos Bagno, apresentadas no início desse texto. As relações sociais dos falantes definirão os usos linguísticos feitos por esse. Além disso, o falante utiliza as regras da língua como as conhece, ou seja, um falante não escolarizado jamais saberá utilizar as regras da gramática normativa se não teve a oportunidade de conhecê-las. Esse inclusive, é outro equívoco que precisa ser desfeito: língua e gramática não são a mesma coisa, é necessário que saibamos diferenciá-las. A língua é um

organismo vivo, portanto está em constante mudança, já a gramática é um conjunto de regras que tenta regulamentar a língua, portanto, é estática, e muito raramente passa por mudanças. Não devemos dessa maneira, tentar regular a fala utilizando regras gramaticais. Nesse sentido, os estudos variacionistas são fundamentais, pois contribuem para que a maneira como fazemos uso da língua não seja visto de maneira preconceituosa e não nos segregue, pois a língua é nossa principal ferramenta social, por isso, deve nos unir e não excluir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade; SILVA, Hélen Cristina da. Dois momentos do /r/ retroflexo em Lavras MG: no Atlas Linguístico de Minas Gerais e nos dados do projeto do Atlas Linguístico do Brasil. *Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 8, p. 125-142, 2011.

BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro?* Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola, 2001.

CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em: 15-05-2015.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008.

LEITE, Cândida Mara Britto. *Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco*. 2004. Dissertação (mestrado em estudos da linguagem). – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

LÍNGUA: vidas em português. Direção: Victor Lopes. Produção: Paris Filmes, Riofilme, TVZero, Sambascope e Costa do Castelo. Intérpretes: José Saramago, Martinho da Vila, João Ubaldo Ribeiro, Madreus, Mia Couto. Roteiro: Ulysses Nadruz e Victor Lopes. Fotografia: Paulo Violeta. Música: Paulo Ricardo Nunes. Manaus: Videolar, 2001. DVD, 91 min., son., color. Documentário.

Prefeitura Municipal de Itaguara (MG). Disponível em: <<http://www.itaguara.mg.gov.br>>. Acesso em: 15-05-2015.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

Prefeitura Municipal de Itaúna (MG). Disponível em:
<<http://www.itauna.mg.gov.br/site>>. Acesso em: 15-05-2015.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

ZAGARI, Mário Roberto Lobuglio. Os falares mineiros: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: UEL, 2005.

_____ et al. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.